

*** REDACTOR PRINCIPAL ***
Alexandre Vieira
 *** EDITOR ***
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
 (Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
 — Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134 —

Redacção e administração — Calçada do Combro, 39-A, 2.º
 Lisboa — PORTUGAL
 End. telegr. Tathaba — Lisboa • Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O governo manda os soldados atiraçoar os tipógrafos!

O governo democrático que para aí está acaba de tirar a máscara. Em face do conflito latente entre os operários gráficos e as empresas jornalísticas burguesas, ante o qual se devia manter neutral, ele, que tanto se arrelia quando não é respeitada a "liberdade de trabalho", vem de inflamar os soldados que tem a profissão de tipógrafos, muitos deles há longo tempo licenciados, a ir trabalhar para as oficinas dos jornais burgueses, conforme se prova com uma ordem do ministério da guerra, cuja cópia reproduzimos.

"Apresentado e vai apresentar-se no jornal "A Capital", a fim de ali prestar serviço como compositor tipográfico,"

Isto é fantástico!

A batalha já não é, pois, só com a imprensa burguesa, mas também com o governo, que com ela se alia descaradamente. Esperamos que os tipógrafos-soldados não esqueçam a sua condição de operários. Se, porém, entre eles algum houver que aquiesça às indignas ordens dos governantes, nem por isso a causa dos nossos camaradas tipógrafos será uma causa vencida, porque a classe operária em peso não o consentirá.

UM DEVER

Toda a classe operária se sente orgulhosa pela atitude das camaradas gráficas, que com o seu gesto enérgico vincularam bem fortemente, perante a opinião pública e o Estado capitalista, o brio e a dignidade da classe operária. Encontram-se os gráficos decididos a lutar tenazmente, compreendendo que está travada uma luta de que forçosamente tem de sair vitoriosos, pois, de contrário, se a resistência das empresas jornalísticas não opuserem todos os seus recursos, toda a sua intrepidez, ficaria numa situação depressivamente, aviltante, perdendo todas as importantes regalias que conquistadas e vendo malograr-se a sua organização de trabalho, ainda em projecto.

Não lhes escasseia coragem. Mas é bem possível que se a luta for demorada, aos gráficos venham a escassear os recursos, uma vez que do trabalho vivem. Nem só os gráficos dos jornais se encontram em luta; também os das casas de obras estão parte em greve e parte sofrendo as consequências de uma greve patronal e, consequentemente, as existências dos cofres sindicais breve estarão esgotadas. Ora, os tipógrafos dos jornais, embora muito os lisonjeiem as saudações proletárias que de todos os lados surgem, embora se sintam satisfeitos com a sua atitude de trabalhadores conscientes, tem necessidades inadiáveis; quasi todos são chefes de família, alguns de idade avançada, e não será com os protestos de uma solidariedade platónica, que se bastará a si e aos que lhes são queridos.

Que se impõe, portanto? Que o operariado contribua com o que a sua bolsa lhe permitir — e sem prejuízo da cotização para as camaradas da Companhia União Fabril — a favor dos operários gráficos, para que estes se possam sustentar, a fim de que não percam a partida, de que resultaria a ruína da classe e com o que bastante ficaria prejudicada a causa de todos os trabalhadores conscientes.

Não podemos deixar de reconhecer que todas as classes vergam ao peso das inúmeras subs-

crições, que todos os sábados se abrem nos locais de trabalho. Muitos camaradas, atentas as dificuldades com que lutam para a manutenção do seu lar, fazem bastantes sacrifícios para cumprir com o seu dever de solidariedade. Mas o auxílio que deles agora reclamamos, é verdadeiramente indispensável e dele muito depende a causa dos gráficos.

E' preciso dinheiro, muito dinheiro para as centenas de operários dos jornais alvejados pela greve das empresas. Uma quantia relativamente importante é necessária todas as semanas; mas desde que todos contribuam, ficará tal sacrifício reduzido ao mínimo, a uma importância insignificante.

Estamos certos de que a este nosso apelo muitos camaradas acorrerão, porque, felizmente, a solidariedade já é um facto entre o proletariado. Ninguém deixará de colaborar na resistência à guerra feroz, à guerra de odio que fazem as empresas jornalísticas, que não se podem resignar à rebeldia consciente do seu pessoal gráfico. Elas tem muito dinheiro, elas tem os pseudo-operários do *Século* ao seu serviço, contando incondicionalmente com essa gente baixa, repulente, que emporealha só com o contacto. Mas os gráficos tem a consciência da justiça da sua causa, tem a certeza do seu triunfo, contam com a solidariedade material das outras classes.

Todas cumprirão o seu dever de solidariedade, porque a todas sobremaneira interessa o ardoroso prêmio agora travado entre os gráficos e os seus exploradores.

E no próximo sábado, quando estes constatarem o auxílio de todo o operariado, mais fortes se sentirão para a luta, porque atrás de si terão o povo trabalhador, disposto a secundá-los poderosamente, na luta em que estão envolvidos e de que forçosamente tem de sair triunfantes.

Basta, pois, de platónicos protestos de solidariedade. E' preciso mais. E' necessário o auxílio material aos gráficos dos jornais burgueses, porque a sua causa é a de todos nós.

empregados, falhando as negociações entabuladas entre os comunistas e o governo de Berlim.

Agitam-se os comunistas

PARIS, 19. — Segundo o *Times* de anteontem, o partido comunista alemão da Austria, lançou ao proletariado um manifesto convidando-o a seguir o exemplo dos húngaros, desbarbando-se da opressão capitalista com o auxílio da guarda vermelha húngara. Os comunistas austríacos redobram de actividade e reforçam a propaganda entre os soldados da *Wolkwehr*. Exigem o desarmamento e a dissolução da policia e guarda municipal, pois consideram-nos guardas brancos e pedem que a *Wolkwehr* e o batalhão operário sejam encarregados do serviço de segurança. Esperam-se hoje grandes manifestações comunistas por ocasião dos funerais das vítimas.

Pessoal dos arsenais

Está-se procedendo à elaboração do novo regulamento para os arsenais de marinha e do exercito, já com alterações tendentes à melhoria de situação que ultimamente foi decretada para o pessoal do mesmo arsenal.

Na Rússia Vermelha

O capitão Sadoul

PARIS, 19. — Telegráfiem de Constantinopla que o capitão Sadoul, adido à missão militar francesa na Rússia, publica em Kief um jornal bolchevista intitulado *A Bandeira Vermelha*, todo escrito em francês.

N. R. — Já aqui nos referimos ao capitão Sadoul que, tendo sido encarregado pelo governo francês de averiguar os acontecimentos na Rússia, fez um relatório que, por ser verdadeiro, o governo achou prudente não publicar. Pelo telegrama antecedente se vê que Sadoul se tornou um partidário acerrimo das doutrinas bolchevistas.

OS DEPORTADOS

devem estar em Lisboa amanhã

Causou grande satisfação entre o operariado a notícia, que ontem demos à estampa, de chegarem brevemente a Lisboa os camaradas deportados quando da greve geral de Novembro. Todos os que seguiram a nossa campanha pró-deportados, e que vivamente se interessavam pela sua triste situação, devem sentir-se vivamente regojados por tão boa nova.

Hoje podemos informar os nossos leitores, de que o *Zaire*, que a seu bordo traz os deportados, deve chegar amanhã a Lisboa, sendo de esperar que muitos camaradas aguardem a chegada das vítimas da greve de Novembro, a fim de lhes darem as boas vindas do proletariado desta cidade.

O reaparecimento do "Diário de Notícias"

Sob o título *A IMPRENSA*

Como ontem anunciámos, o *Diário de Notícias* reapareceu. Está a empresa deste jornal unida às outras. Todos muito amigos. Mas amigos, amigos, negócios aparte. E como quer que o *Século* viesse publicando, embora com nome falso, o *Diário de Notícias* não pôde resignar-se a continuar mudo. E, reapareceu, também com o nome trocado para inglês ver. Chama-se *A Imprensa*, mas os vendedores continuam a apregoar o *Diário de Notícias*. Temos, portanto, em publicação, dois jornais com o mesmo nome. E tipógrafos? Como os obtivemos as empresas? Pelo que respecta ao *Século* já os leitores estão esclarecidos por meio das explicações que aqui lhes demos. O quadro do *Século* não é uma corporação, é um rebano. A dignidade e o carácter passaram por lá e andaram logo. Não se encontram no quadro do *Século* resíduos mínimos de pendor ou nobreza de sentimentos. O que a empresa quer é o que elle faz. A empresa do *Século* quis sair com o seu jornal e logo o quadro tipográfico se lhe apresentou solto. Já o mesmo não sucedeu com o quadro do *Diário de Notícias*. Deste, nenhum elemento colaborou na saída da *Imprensa*, à excepção do chefe, José Rodrigues Brazão. Também lá esteve o gerente, antigo tipógrafo, Júlio Cândido da Costa. Mais ninguém.

O *Diário de Notícias* valen-se, para sair, ontem com o jornal, de soldados, policia e guardas republicanos, extipógrafos. A officina transformouse num quartel. Por um lado regojá-nos o facto. E' que assim se não confirma a hipótese por nós ontem formulada, de se terem prontificado a trabalhar alguns tipógrafos menos conscientes do *Diário de Notícias*. Felizmente, não há tração nenhuma a registar agora. O procedimento do quadro do *Século* não se generalizou nem se generalizará. Foi apenas gente da tropa que trabalhou. Informam-nos de que a empresa paga a cada um cinco mil réis por noite, com vinho à disposição, e um aperto de mão para animar. Ora, não havendo ensino para registar uma tração de operários, há, contudo, ocasião para registar uma violência de governantes. Os soldados, guardas, republicanos e policia que trabalham no *Diário de Notícias* não ingressaram voluntariamente naquela officina. Obbedeceram simplesmente a uma ordem de superiores. Aproveitou-se a disciplina para favorecer uma empresa jornalística. Uma violência sem nome. Mas não é com estas que se irá abaixo a solidariedade e a firmeza operárias.

UMA INFAMIA

Tipógrafos reservistas coagidos ao trabalho nos jornais burgueses

Sabemos que se andam chamando os tipógrafos militares, do efectivo ou das reservas, coagindo-os a trabalhar nos jornais coligados. Que lhes parece a infâmia? O governo, cuja neutralidade, em presença do conflito decorrente, deveria ser mantida a rigor, coloca-se abertamente ao lado das empresas burguesas. E, aproveitando o facto de pertencerem ao exercito, como reservistas, alguns tipógrafos, obriga-os, mercê da disciplina, a ingressar nas officinas para a manufatura das várias edições da *Imprensa*. Os tipógrafos militares são intimidados, sob pena de serem consideradas deserções, a comparecer nas officinas dos jornais suspensos. E os jornalistas, que de vez em quando se desunham a pregar a liberdade de trabalho, não demonstram relutância alguma em aproveitar-se da infâmia.

Nota-se que os gráficos não se recusaram ao trabalho. Foram as empresas jornalísticas que lhes fecharam as portas, simulando-se ofendidas em presença do belo gesto de solidariedade em defesa da *Batalha*, realizado pelos operários. Mostraram-se os jornalistas ofendidos com a atitude dos seus operários, e fizeram do caso "uma questão moral", como lhe chamaram. Mas já não é para eles uma questão moral a violência exercida pelo governo sobre os tipógrafos reservistas. Como sejam os jornalistas beneficiados em seus intentos por essa violência, vá de achá-la legítima. E o governo tornou-se assim como que uma agência de tipógrafos para servir as necessidades da imprensa burguesa.

Quasi que seria admissível abrirem as empresas jornalísticas as suas portas para os traidores que as quizessem franquear. Entrasse quem quizesse, trabalhasse quem quizesse nas condições impostas pelas empresas. Mas voluntariamente, bem entendido. A imposição, neste caso, é mais do que uma tirania, é uma infâmia. E, contra ella, todos os processos de defesa são ilícitos. As empresas não escolhem meios para alcançar seus fins. E o governo secundas, auxilia-as, põe-se-lhes ao lado. Nunca a incompatibilidade entre elas e nós se manifestou mais profundamente. Incompatibilidade principalmente moral. Não se trata de serem elles os patrões e nós os operários. Trata-se sim de serem os nossos processos de combate essencialmente diferentes dos deles, pela honestidade e elevação que os caracteriza.

O socialismo italiano

Regressando da sua visita à Itália, o conhecido leader socialista francês Longuet mostra-se impressionado com a força e o espirito revolucionário do movimento operário e socialista italiano. E cita alguns dados. O *Avanti!*, órgão dum partido que tem sabido, mais eficazmente do que nos outros países, livrar-se da corrupção politica burguesa e desbarbar-se com bastante energia dos elementos estranhos, tem uma tiragem ordinaria total, em média, de duzentos mil exemplares: 100.000 em Milão, 60.000 em Turim e 40.000 em Roma (a edição milanesa). Sem falar na edição milanesa, que vai ter casa nova, toda à altura, a de Turim, visitada por Longuet, tem magnificas instalações, com linotipos e uma bela rotativa — prendas que cá a rapaziada da *Batalha* espera ver breve nesta casa, com o auxílio entusiasta do proletariado português, não menos ardente do que o italiano.

A Casa do Povo de Turim é tal que Longuet pergunta quando é que Paris, quando é que a C. G. T. francesa há de ter uma assim. A vida ali é intensissima; as assembleias multiplicam-se; multidões permanentes enchem os amplos salões. Com uma população igual à de Lisboa, Turim põs na rua, no 1.º de Maio, com mil manifestantes. A cooperativa operária realizou este ano mais de 40 milhões de francos de negócios.

Longuet muito admirado de que tudo isto seja ignorado em França...

Boicote aos estabelecimentos onde haja a venda de produtos da União Fabril.

OPERÁRIOS DA UNIÃO FABRIL

Mantêm-se a greve

O moral dos grevistas é excelente — Os trabalhadores do Norte produzem importantes prejuízos à Companhia — O administrador do concelho fugido à responsabilidade

BARREIRO, 22. — Mantendo-se energeticamente os grevistas, que se acham animados, deixando transparecer a convicção que possuem de que conseguirão obter uma vitória. Continuam as prevenções da força armada, que dia e noite patrulha as ruas da villa, inquirindo dos transeuntes o seu destino. Os desagrados inconscientes que Alfredo da Silva conseguiu engajar no norte, vieram, segundo as declarações de muitos deles, enganados e nas condições que a *Batalha* já publicou. Mesmo a vinda desses homens não, veio alterar em coisa alguma a paralisação das fabricas, vindo ate contribuir bastante para que a causa dos grevistas se apresente de mais fácil conquista.

Sucedeu que muitos deles tem fugido, enquanto outros continuam a trabalhar por isso serem coagidos pela força. De contrario, teriam já seguido o exemplo daqueles.

O trabalho destes homens está redundando num incalculavel prejuizo para a Companhia, servindo administrativamente a causa dos grevistas. Assim, por exemplo, citando ao acaso alguns factos, o trabalho de descarga de fragatas que é feito pelos soldados e por um aparelho que tem o nome de *escavador* levava, em media, normalmente, uma hora e meia; isto em fragatas de 120 T. Hoje essa descarga fez-se, levando 2 dias e 12 a 14 horas, e assim sucessivamente, além de outros prejuizos mais graves que tem ocasionado e que continuão a produzir-se a greve se prolongar.

Os encarecidos foram hoje chamados, mas mantem-se no firme proposito de não retomar o trabalho sem os operários o fazerem, depois de solucionado o conflito. O administrador do concelho proibiu terminantemente que nas sessões do pessoal da C. U. F. falassem outros oradores que não os operários e grevistas, ameaçando de encerrar a sessão se se fizessem.

Alguns grevistas a mesma autoridade lamentou o facto de o accusarem, atribuindo-lhes as prisões e violências ao ministro da guerra, declarando não ter nenhuma responsabilidade alguma.

No entanto, os operários continuam a ser presos nas suas casas, onde a policia os vai procurar, obrigando as familias a saírem das habitações do bairro operário, quando quasi todos os alaguidos tem em poder um *Companhia* um ou mais dias de vencimento, que perfeitamente garantem o aluguer.

Durante a noite só podem transitar livremente os ferroviários, os quais o governo teme, o que é sintomatico.

Uma mesquinha obra de vingança

Conta-nos pessoa amiga e absolutamente digna de crédito que, no inicio do *lock-out* das empresas jornalísticas, se apresentou no governo civil o sr. Eduardo Fernandes, mais conhecido pela alcunha ou pelo pseudónimo de *Escudalpi*, intimando os informadores de *O Combate* e de *A Batalha* a não enviarem noticias para estes jornais, sob pena de serem despedidos de *O Século*, de que aqueles informadores são também empregados. O sr. Eduardo pediu depois à policia que não desse quaisquer noticias aos informadores. E de facto, mercê dos bons officios do sr. Eduardo, redactor de *O Século*, ficou *A Batalha* privada, durante estes dias, da informação da policia.

Não sabemos se o sr. Eduardo procedeu por iniciativa própria ou por mandado da empresa do *Século*, sua ama. O que sabemos é que o expediente adoptado até a um jesuita dos piores e dos mais hipocritas repugnaria. Está bem que se lute, está bem que cada um defenda o seu campo. Mas exercera essa defesa de uma maneira própria de homens, nobremente, sem recorrer a estas baixas vinganças de meretriz.

É certo que o odioso de uma acção real integral sobre quem a pratica, nem o sr. Eduardo, nem as empresas jornalísticas coligadas a quem elle serviu tem muito de que orgulhar-se pelos processos a que tem recorrido. Já as conheciamos e já as julgávamos capazes de muito; mas confesse-se que tamanha ausência de escrúpulos nos deixa assombrados.

Auxílio aos grevistas da C. U. F.

Um grupo de operários e operárias da fabrica de moagem de Santo Amaro abriu uma subscrição a favor dos grevistas da C. U. F., que rendeu 2821.

— A redacção de *A Tropa Popular* enviou-nos 10 bilhetes para uma festa que promove no dia 6 de Julho, a fim do produto da sua venda reverter a favor dos grevistas da C. U. F. O preço de cada bilhete é de \$25.

"A BATALHA" EM PARIS

(Do nosso correspondente especial)

Caminha-se para a grande greve geral internacional?

PARIS, 19 de Junho.

Acima das greves, muito acima das interpelações socialistas no parlamento, está, em importância e em consequencias, a resolução do proletariado italiano de convidar os seus camaradas da França e da Inglaterra para uma acção comum, em apoio dos revolucionários russos e húngaros.

Ninguém procura esconder a transcendência dessa decisão heroica do proletariado italiano; nem o governo, que tenta dividir e enfraquecer a classe operária por meio de acordos parciais, nem a burguesia, que cobre os muros de Paris com imensos cartazes escritos no estílo da prosa poetica, procurando enternecer o "valente povo da França" e lembrar-lhe que a "Vitória" poderia ser desfeita em algumas horas de greve geral.

Todas as manhãs os muros de Paris apparecem cobertos de novos cartazes, assinados as mais das vezes por associações imaginárias, todos elles fazendo apelo ao "bom senso do povo francês" e ao "patriotismo da classe operária". São cartazes aos milhares e aos milhares, todos elles em letras garras e habilidosaesme redigidos. O afam tal que até já se empregaram aeroplanos na distribuição dos tais prospectos.

Mas nada disso parece influir no animo dos trabalhadores. Nunca a classe operária francesa esteve tam unida e disciplinada. Jouhaux falou acertadamente quando, na conferencia sindicalista internacional, disse: "Tenho a certeza de que, se a Confederação Geral do Trabalho proclamar a greve geral, a paralisação das indústrias e dos transportes será total, absoluta".

Do lado dos italianos, a força não é menor. Na mesma reunião ouvi Darragon, um dos delegados italianos, declarar que na Itália a paralisação do trabalho também seria total, só não havendo a certeza do operariado se contentar com uma greve geral de 24 horas somente... e ir mais longe.

A data da grande greve geral internacional ainda não está fixada. Dependendo da decisão dos ingleses e dos belgas. Os ingleses, como se sabe, não participaram da ultima conferencia sindicalista internacional. Atribui-se essa não participação a má vontade do grupo parlamentar trabalhista, o qual é mais ou menos partidário da acção do sr. Lloyd George, e, portanto, está ao serviço do imperialismo inglês. O grupo parlamen-

tar é que dirige a acção geral das Trade-Unions e, portanto, para estas participarem da greve geral internacional, tem de passar por cima das ordens e dos conselhos dos deputados. A prevalecer a acção do grupo parlamentar das Trade-Unions, a classe operária inglesa cometerá uma grande falta de solidariedade internacional, além de trair os seus próprios destinos. Mas, felizmente, entre a massa operária inglesa já começou a reacção contra a criminoso politica dos seus eleitos e é de esperar que no próximo congresso das Trade-Unions, que se realizará a 25 do corrente e nos dias seguintes, sejam tomadas energicas decisões a respeito da intervenção na Rússia, da amnistia e da desmobilização geral, que constituem os objectivos da greve geral internacional de 24 horas.

Uma delegação franco-italiana, composta de delegados dos partidos socialistas frances e italiano e das organizações sindicais da Itália e da França, irá à Inglaterra por ocasião dos congressos das Trade-Unions e solicitará solenemente o auxilio do proletariado inglês para a acção que vai ser levada a efeito em favor das revoluções russa e húngara.

Ninguém crê que o operariado inglês, no seu próximo Congresso do dia 25, se recuse a participar da acção internacional contra os planos imperialistas da burguesia.

Estamos, pois, em vésperas de acontecimentos notáveis.

Fala-se numa agitação comunista na Austria. Se essa agitação for vitoriosa, será isso um grandissimo passo para o triunfo do socialismo. Por que uma revolução na Austria, terá repercussão imediata na Itália. A Itália atravessa um periodo agudissimo, uma crise sem precedentes. O governo e os partidos burgueses vêem-se impotentes para remediar esse estado de cousas e a classe operária, que é a mais sacrificada por essa crise, terá de tomar uma decisão — que não pode ser outra senão a do estabelecimento da ditadura proletária. E uma revolução comunista na Austria precipitará a acção do proletariado italiano.

Se essa acção for bem sucedida, se os operários itali conseguirem estabelecer a ditadura da sua classe, teremos, pois, o bolchevismo às portas da França...

B. C.

II Congresso da Construção Civil

A comissão organizadora do II Congresso Nacional da Indústria da Construção Civil, reuniu ontem, dando despacho ao expediente e resolvendo que as comissões elaboradoras das teses reúnam amanhã, pelas 20 horas. Deliberou ainda avisar os sindicatos que ainda não deram a sua adesão ao Congresso, de que o devem fazer o mais breve possível, tendo de satisfazer a cota de adesão de 25\$0, e não de 15\$0, como, por lapso, saiu na circular convocatória.

Brevemente serão distribuidas as teses por todas as Associações.

Uma ameaça aos operários do Arsenal

Dizem-nos da Arcada:

O sr. ministro da marinha deu ordem para que os operários e mais pessoal pertencente ao Arsenal de Marinha que faltaram ao serviço nos dias 17 e 18 do corrente, quer tenha ou não chapa encarnada, apresentem justificação dessas faltas até ao dia 25 do corrente, aos dirigentes das respectivas officinas ou serviços, que as enviarão ao administrador do referido arsenal e este por seu turno ao ministro.

Solidariedade da Construção Civil

Os camaradas que tenham talões dos livretes em seu poder, devem fazer entrega na sede desta comissão, que já se encontra reaberta. Os presos da greve geral que estejam em dia com o cofre de solidariedade, devem enviar os seus nomes para os respectivos sindicatos.

A sede da U. O. N. reaberta

Ontem, cerca das 18 horas, alguns agentes da policia de Segurança do Estado, procederam à reabertura da sede da União Operária Nacional e da Federação da Construção Civil, arbitrariamente encerrada pelo governo, a pretexto da ultima greve geral.

Regoziamo-nos pela reabertura da sede do mais alto organismo sindical, cujo encerramento, representando uma violação do Estado, bastante desagradou aos milhares de trabalhadores agredados nos sindicatos na U. O. N. filia-

O camarada que nos pôs ao corrente das considerações do director da policia de Segurança do Estado, em relação à attitude da *Batalha* perante o encerramento da sede da U. O. N., que determinaram o nosso editorial de anteontem, veio dizer-nos que o referido funcionario se molestara, não pelas referencias que fizemos à policia, mas ao governo, donde se conclui que onde apparece policia, deve apparecer governo. Está certo.

O regresso dos deportados

Os operários das obras do quartel de engenharia, incumbiram um dos seus camaradas de nos significar o seu regojio pelo regresso dos deportados da greve geral de Novembro, pedindo-lhe ao mesmo tempo, para nos transmitir as suas saudações pela forma como o órgão operário defendeu essa causa.

Boicote aos produtos da União Fabril

